

O SUJEITO FEMININO NO ROMANCE *TORTO ARADO*

THE FEMALE SUBJECT IN THE *TORTO ARADO* ROMANCE

Paloma Cardoso de Oliveira ¹

Recebimento do Texto: 30/10/2022

Data de Aceite: 20/11/2022

RESUMO: Este artigo tem por objetivo explicar sobre a dupla opressão exercida sobre o sujeito feminino subalterno, por meio de metodologia qualitativa e uma revisão bibliográfica, dentro do romance *Torto Arado* (2018). Assim, trataremos sobre como a identidade dessa comunidade é construída ao longo da narrativa, ao passo da construção identitária das personagens. Para isso, trataremos as discussões de Gayatri Spivak (2010), que discorre sobre o fato da mulher subalterna ser duplamente oprimida no cenário pós-colonial, e para falar sobre a diáspora negra e identidade utilizaremos as considerações de Stuart Hall (2009 e 1996).

PALAVRAS-CHAVE: Subalternidade. Identidade. Subalternidade Feminina. Quilombola. Torto Arado.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo explicar la doble opresión ejercida sobre el sujeto femenino subalterno, a través de una metodología cualitativa y una revisión bibliográfica, dentro de la novela *Torto Arado* (2018). Así, nos ocuparemos de cómo se construye la identidad de esta comunidad a lo largo de la narración, al tiempo que se construye la identidad de los personajes. Para ello, traeremos las discusiones de Gayatri Spivak (2010), quien discute el hecho de que la mujer subalterna es doblemente oprimida en el escenario poscolonial, y para hablar de la diáspora negra y la identidad, utilizaremos las consideraciones de Stuart Hall (2009 y 1996).

PALABRAS CLAVE: Subalternidade. Identidade. Subalternidad Feminina. Quilombola. Torto Arado.

¹ Mestranda em estudos literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. Formada em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso – UNEMAT, e-mail: paloma.cardoso@unemat.br.

Introdução

O objetivo deste trabalho é explanar essa dupla opressão, considerando em relação ao personagem masculino que já sofre a opressão de classe e o racismo, sobre o sujeito feminino subalterno, por meio de metodologia qualitativa e uma revisão bibliográfica, dentro do romance *Torto Arado* (2019), de Itamar Vieira Júnior. Além disso, será abordada a questão da identidade cultural do povo de Água Negra, enquanto comunidade quilombolas, e a sua herança africana, o que se reflete na religião do Jarê. Assim, trataremos sobre como a identidade dessa comunidade é construída ao longo da narrativa, ao passo da construção identitária das personagens, a saber Belonísia e Bibiana, que passam a se enxergar como uma comunidade quilombola ao longo da narrativa, como um povo explorado e esquecido. Para isso, traremos as discussões de Gayatri Spivak em “Pode o subalterno falar?” (2010), no qual a autora defende que a mulher subalterna é duplamente oprimida no cenário pós-colonial, e para falar sobre a diáspora negra e identidade utilizaremos as considerações de Stuart Hall (2009).

As implicações sociais da escravidão no Brasil após a abolição deixaram profundos traumas na população afro-brasileira. Em *Torto Arado*, alguns desses traumas são apresentados por meio das narrativas pessoais das personagens Bibiana e Belonísia, resultando no desfecho narrado pela “encantada” Santa Rita Pescadeira. Assim como, por meio de referências à história e à tradição da cultura africana, o romance evidencia os esforços tanto para a manutenção como também para a extinção dessas tradições e da identidade cultural, como definida por Hall (1996). Ao dar voz às irmãs e à divindade religiosa pertencente ao Jarê, a narrativa apresenta o contexto social afrodescendentes em comunidades rurais, ainda ignorada ou desconhecida por muitos brasileiros.

Desse modo, o presente artigo parte da hipótese de que por meio da referência históricas, da memória coletiva e das tradições de um povo afro-brasileiro, o romance produz elementos para a construção e manutenção de uma identidade cultural coletiva. Desse modo, entende-se que o romance se torna uma ferramenta política não apenas por discutir um tema ainda escasso na literatura brasileira, como também pelas possibilidades de proporcionar uma reflexão crítica social em um nível maior.

A narrativa construída em torno da família a partir das vozes de Bibiana e Belonísia, e da Santa Rita Pescadeira, entidade da religião Jarê, estabelece um registro de múltiplas camadas. Essas camadas se sobrepõem e complementam dialogando com a história “oficial” do país que é conhecida.

Assim como a existência de personagens femininas fortes evidencia o papel fundamental das mulheres na manutenção familiar, tradicional e da memória comunitária. Como aponta a fala de Belonísia, no seguinte trecho, não há “nada que uma mulher não possa dar jeito, assim haviam me ensinado” (JÚNIOR, 2019, p. 78).

A narrativa da comunidade de Água Negra é reconstruída e fortalecida a partir da defesa da história da comunidade e do seu povo, presente na luta de Severo pelo direito à terra e na profissão de Bibiana como professora. Sua repercussão e importância são retratadas nas reações das crianças que “ficavam atentas, não sabiam que havia uma história tão antiga atrás daquelas vidas esquecidas. Uma história triste, mas bonita. E passavam a entender por que ainda sofriam com preconceito [...]” (JÚNIOR, 2019, p. 180).

A noção de identidade cultural esboçada por Stuart Hall, ao abordar a formação identitária diaspórica entre as populações afrodescendentes no Caribe, se enquadra também ao contexto do romance, entendendo a “identidade como uma ‘produção’, que nunca está completa, está sempre em processo e sempre constituída por dentro, não fora da representação” (HALL, 1996, p.222). Tal conceito possibilita que a identidade seja entendida por seus aspectos associativos, seja pelo contato e semelhança que unem um povo, mas sobretudo, pelas disparidades entre os grupos sociais e pela fluidez dessas identidades. A identidade cultural, nessa perspectiva, “é uma questão de ‘tornar-se’, bem como de ‘ser’. Ela pertence ao futuro tanto quanto ao passado” (HALL, 1996, p. 225)

O romance *Torto Arado* (2019), de Itamar Vieira Júnior, lançado pela Editora Todavia, recebeu o Prêmio Leya em 2018, o Prêmio Jabuti de melhor Romance Literário e o Prêmio Oceanos de Literatura em 2020. O escritor nasceu em Salvador, em 1979, é geógrafo e Doutor em estudos étnicos e africanos pela UFBA.

O romance é uma narrativa com polifonia² dividido em três partes, todas narradas em primeira pessoa pelas narradoras: Bibiana e Belonísia; e, por fim, a encantada Santa Rita Pescadeira, uma entidade do Jarê. Constituído por uma narrativa familiar, o romance, que a partir das vozes das irmãs e da Rita Pescadeira, apresenta várias camadas as quais se sobrepõem e se completam, dialogando com uma história não oficial e silenciada do nosso país, que mistura a dura realidade com o misticismo religioso. Como podemos verificar na citação abaixo:

Naquele tempo costumávamos ver nossa avó falar sozinha, pedir coisas estranhas como que alguém – que não víamos – se afastasse de Carmelita, a tia que não havíamos conhecido. Pedia que o mesmo fantasma que habitava suas lembranças se afastasse das meninas. Era uma profusão de falas desconexas. Falava sobre pessoas que não víamos – os espíritos – ou de pessoas sobre as quais quase nunca ouvíamos, parentes e comadres distantes. (JÚNIOR, 2019, p. 14)

As protagonistas do romance, Bibiana e Belonísia, são irmãs e filhas de trabalhadores rurais do sertão baiano chamados Zeca Chapéu Grande e Salu; Zeca Chapéu Grande era uma espécie de curandeiro e mentor espiritual do Jarê, religião de matriz africana da região da Chapada Diamantina.

2 Nesse sentido, entendemos que a polifonia consiste no fato de que as vozes, devem permanecer independentes, combinando-se em uma unidade de ordem superior à da homofonia. De acordo com Bakhtin (2008), a polifonia é parte essencial de toda enunciação, já que em um mesmo texto podem ocorrer diferentes vozes que se expressam, e todo discurso é formado por diversos discursos:

Em toda parte é o cruzamento, a consonância ou a dissonância de réplicas do diálogo aberto com as réplicas do diálogo interior dos heróis. Em toda parte um determinado conjunto de ideias, pensamentos e palavras passa por várias vozes imiscíveis, soando em cada uma de modo diferente (BAKHTIN, 2008, p. 308).

Eram famílias que depositavam suas esperanças nos poderes de Zeca Chapéu Grande, curador de jarê, que vivia para restituir a saúde do corpo e do espírito aos que necessitavam. Desde cedo, havíamos precisado conviver com essa face mágica de nosso pai. Era um pai igual aos outros pais que conhecíamos, mas que tinha sua paternidade ampliada aos aflitos, doentes, necessitados de remédios que não havia nos hospitais, e da sabedoria que não havia nos médicos ausentes daquela terra. (JÚNIOR, 2019, p.27-28)

Zeca Chapéu Grande era respeitado e visto como um líder na comunidade “Zeca Chapéu Grande não era apenas um compadre. Era pai espiritual de toda a gente de Água Negra.” (JÚNIOR, 2019, p.34). Já Salustina ou Salu, como é apresentada várias vezes no livro, se incumbe da função de parteira da comunidade após a perda de Donana.

Os moradores da comunidade de Água Negra são descendentes de negros que foram escravizados, vivem na fazenda, em um espaço cedido pelos proprietários, onde as casas são feitas de barro, construídas por eles mesmos, nesse espaço, plantam todos os alimentos para a sobrevivência. A primeira narradora e que introduz o romance é Bibiana, que nos é apresentada aos seus sete anos de idade. A narrativa se inicia com um acontecimento trágico que define e corta o destino das duas irmãs naquele fatídico dia. Movidas pela curiosidade infantil, ao revirarem os pertences da avó paterna, as duas meninas encontram uma bela faca com cabo de marfim e em um ato impensado inserem o objeto cortante na boca, lacerando a língua das duas irmãs, unindo-as para toda a vida, fazendo de uma a voz da outra.

A partir desse acontecimento trágico, a história se desenvolve e segue encadeada por relações familiares, questões raciais, a tradição religiosa afro-brasileira do sertão baiano e reflexos escravagistas presentes na sociedade mesmo após a abolição. A narrativa da dupla de irmãs se confunde e se reflete, até que o momento do rompimento, quando Bibiana vai embora de Água Negra e se casa com Severo, o seu primo.

A segunda parte da história é narrada por Belonísia, sua narrativa se passa após sua irmã Bibiana ir embora da fazenda Água Negra, depois de tanto tempo nas sombras da irmã, utilizando sua voz, mas ainda assim, podemos ver o seu desenvolvimento e apego a terra e ao serviço no campo. Depois de alguns anos,

ocorre o retorno de Bibiana, que já está com dois filhos, no entanto, mesmo após anos distantes as irmãs continuam com a mesma conexão. A terceira narradora, que nos apresenta a última parte da história, é a Santa Rita Pescadeira, que desde o início aparece nas reuniões do Jarê por meio de dona Miúda.

O Jarê é uma mescla de religiosidade e crenças populares oriunda da Chapada Diamantina. A singularidade do Jarê se origina do encontro de grupos de escravos na Chapada, o primeiro oriundo de matrizes africanas do Recôncavo baiano e o segundo dos escravos das Minas Gerais, fortemente influenciado pelo catolicismo, agregando características de ambas as matrizes religiosas, resultando no sincretismo religioso.

Segundo Alves e Rabelo (2009), as origens dos cultos remontam a meados do século XIX, sendo vinculadas à fase de desenvolvimento da mineração nessa região da Bahia. Durante esse período de prosperidade proporcionado pela mineração (entre 1817 e 1840 aproximadamente), ocorreu um grande número de mão de obra escrava na Chapada, além dos que já estavam na região desde finais do século XVIII.

Desenvolvimento

É evidente, a partir da narrativa, que os moradores da comunidade são descendentes de escravizados. Diante disso, os resquícios da escravidão são visíveis no dia a dia das vidas das famílias da comunidade de Água Negra, a partir da qual podemos observar as condições análogas à escravidão em que eles vivem, tendo em vista que, trabalham apenas para pagar a moradia, que pertencem há décadas à gerações consecutivas de famílias abastadas brancas, latifundiárias.

Essas famílias que foram para Água Negra se deslocaram até lá de maneira espontânea, algumas eram chamadas pelos gerentes para servirem quando precisavam de mão de obra. Em relação ao comando dos gerentes, os donos da terra, compareciam raramente na fazenda e, por conseguinte, não mantinham nenhum contato com os funcionários. Dessa forma, a relação exploratória dos proprietários da fazenda com os funcionários é visível; a partir da narrativa do romance, fica claro que os habitantes de Água Negra estão lá desde sempre, que são descendentes de escravos que foram trazidos até a região.

Sabia o que nosso povo tinha sofrido desde antes de Água Negra. Desde muito tempo. Desde os dez mil escravos que o Coronel Horácio de Matos usou para encontrar diamante e guerrear com seus inimigos. Quando deram a liberdade aos negros, nosso abandono continuou. O povo vagou de terra em terra pedindo abrigo, passando fome, se sujeitando a trabalhar por nada. Se sujeitando a trabalhar por morada. A mesma escravidão de antes fantasiada de liberdade. Mas que liberdade? Não podíamos construir casa de alvenaria, não podíamos botar a roça que queríamos. Levavam o que podiam do nosso trabalho. Trabalhávamos de domingo a domingo sem receber um centavo. O tempo que sobrava era para cuidar de nossas roças, porque senão não comíamos. Era homem na roça do senhor e mulher e filhos na roça de casa, nos quintais, para não morrerem de fome. Os homens foram se esgotando, morrendo de exaustão, cheios de problemas de saúde quando ficaram velhos. (JÚNIOR, 2019, p. 194-195)

Os moradores de Água Negra filhos desses escravos que após receberem a “liberdade” não tinham para aonde ir, nem um lugar para se abrigarem, desse modo, trocaram mão de obra por moradia, sem nenhuma remuneração por seu trabalho. Esses escravos foram trazidos até ali, que se viram obrigados, por não terem outra opção, a morar e construir família na região de Água Negra, local no qual suas gerações continuaram na mesma situação que eles.

Ali os moradores de Água Negra trabalhavam de domingo a domingo criando uma relação íntima com a terra que produzia para eles comerem, quando autorizados, construíam casebres de paredes de barro e telhado de junco. São casas que ruíam ao longo do tempo e muitas vezes tiveram que ser reconstruídas, que representavam a ausência de qualquer laço que esse povo podia fazer com essas terras, que não lhes pertencia.

Esses povos que ali se fixaram, trazidos pela diáspora, depois da dita abolição, estavam longe das suas casas, em uma situação subalterna, subjugados e à margem da sociedade, distantes de sua cultura ou sem poder exercer suas religiões plenamente e livremente, o que gerou interferências e um processo de assimilação de alguns aspectos do cristianismo por parte das religiões de matriz africana. Hall (2009) explica o mesmo processo, mas que ocorreu no Haiti, com o Vodou haitianos, no qual os deuses africanos foram combinados com os santos do

cristianismo. Segundo o autor (2009, p. 36) “as culturas, é claro, têm seus ‘locais’. Porém, não é mais tão fácil dizer de onde elas se originam.” Os povos trazidos pela diáspora negra, mantinham a esperança de um dia retornar a sua terra, o que Hall define como esperança de voltar à «terra prometida”, de após os percalços vividos nessa terra distante, um dia voltar a sua terra natal. Nesse contexto, o meio para continuarem conectados a sua terra era por meio de suas tradições, mantendo viva sua identidade cultural.

Segundo Hall (2009):

Possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical e o que chamamos de “tradição”, cujo teste e o de sua fidelidade as origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua “autenticidade”. E, claro, um mito — com todo o potencial real dos nossos mitos dominantes de moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significado as nossas vidas e dar sentido a nossa história. (HALL, 2009, p. 29)

Daí se dá a importância de se manter a identidade cultural como forma de pertencimento a um povo, principalmente dos povos vítimas da diáspora negra, de religião de matriz africana, povo afro-brasileiro, por meio de rituais e manifestações que os interliguem com sua origem. Como podemos ver em Torto Arado, que apesar de interferências do cristianismo, mantinham sua prática religiosa, o Jarê:

A primeira a chegar, após a ladainha e a saraivada de fogos, foi justamente a dona da festa, Santa Bárbara; a caixa trazida por dona Tonha continha a saia vermelha, o adé e a espada de Iansã, todos os adornos que a santa vestiria. O quarto dos santos, onde rezavam a ladainha, tinha velas acesas e uma profusão de cores das imagens e bonecas. Havia imagens de gesso e madeira de diferentes tamanhos e estados de conservação. S. Sebastião, Cristo Crucificado, o Bom Jesus, S. Lázaro, S. Roque, S. Francisco, Padre Cícero. Havia pequenos quadros, uns de cores vivas, outros desbotados, de S. Cosme e S. Damião, Nossa Senhora Aparecida, Santo Antônio. (JÚNIOR, 2019, p.54)

A diáspora foi responsável pela construção da identidade desses povos, uma identidade atribuída, a qual é reconstruída ao longo da narrativa, por meio dos discursos dos personagens Severo e Bibiana. O que gerou uma reconstrução/reconhecimento da identidade do povo de Água Negra.

A Identidade

Homi Bhabha (1998) discutiu a homogeneidade da identidade nacional e o conceito de hibridismo cultural. Ele claramente vê a substituição cultural como uma parte histórica do mundo pós-colonial, o que mostra que cada vez mais as culturas nacionais estão sendo elaboradas na perspectiva das minorias étnicas e, a partir desse conceito, a identidade étnica está em constante redefinição. Portanto, a identidade cultural não pode ser única, porque a mudança da identidade cultural é contínua. Para Bhabha não existe uma identidade única. Para ele, quando adquire outra cultura, sua identidade mudará.

Nesse sentido, segundo Hall (2009, p. 28), algumas pessoas acreditam que a identidade cultural é fixada no nascimento e não mudará quando o local da resistência mudar temporariamente. No entanto, ao tomar o Caribe como exemplo, ele discorda desse conceito de diáspora, pois, de acordo com sua pesquisa, a identidade cultural não é estática, eterna ou ininterrupta. Pelo contrário, pode mudar repetidamente. Para ilustrar, ele usa o caso do Caribe. “A cultura caribenha é essencialmente movida pela estética da diáspora. Em termos antropológicos, sua cultura é irremediavelmente ‘impura’” (HALL, 2009, p. 34). Portanto, o autor exemplifica que os elementos culturais no Caribe não formam relações de igualdade, mas estão inseridos nas relações de poder. Portanto, para Bhabha, falar sobre sujeito significa falar sobre a composição de sujeitos culturais híbridos, assim como falar sobre cultura significa pensar além do sujeito / oposição cultural, local da cultural / locais da cultural, para o autor, marginal e estranho, deslizando entre os dois a instabilidade do essencialismo, enfim, convoca a divisão espacial da pronúncia, tomando-a como o espaço incerto do sujeito da pronúncia.

Ao passo disso, podemos dizer que no romance a identidade cultural dos moradores de Água Negra também é mutável e se ressignifica e se define ao longo da narrativa, à medida que os contrastes, as injustiças vão se tornando mais nítidas aos olhos dos personagens,

Percebi que havia algo vigoroso e decisivo nas suas enunciações sobre o trabalho, sobre a relação de servidão em que nos encontrávamos. Guardei o que pude de suas palavras para tentar decifrar as mensagens novas que trazia, transferindo sua vivência em outras terras para a nossa própria história, para que algo passasse a fazer sentido para nós. (JÚNIOR, 2019, p.115)

Assim à medida que, eles percebem o lugar de subalternidade que ocupam ali naquele contexto, quando finalmente, ao falar da comunidade Bibiana e Severo se denominam quilombolas. “— Não podemos mais viver assim. Temos direito à terra. Somos quilombolas. Era um desejo de liberdade que crescia e ocupava quase tudo o que fazíamos.” (JÚNIOR, 2019, p.166). Nesse momento da narrativa, há um contraste entre os moradores de Água Negra que se identificam com o discurso de Bibiana e Severo, que se percebem enquanto sujeitos subalternos e os outros que temem as consequências da proliferação desse discurso entre os empregados da fazenda, receosos de que sofressem represálias.

Nessa perspectiva Spivak (2014) afirma que a questão da consciência do subalterno está atrelada ao que ele não pode dizer, visto que “algo como uma recusa ideológica coletiva pode ser diagnosticada pela prática legal sistematizada do imperialismo” (SPIVAK, 2014, p.82). A autora também afirma que o receptor da fala do subalterno tem importância, pois esta fala pode ser narrada de acordo com os interesses desse receptor. Ou seja, o subalterno precisa que quando ele fale alguém escute, alguém que o entenda, que esteja na mesma situação que ele o escute, como por exemplo, no momento em Torto Arado que Severo discursa na fazenda, tentando convencer os outros trabalhadores a lutarem por condições melhores de trabalho e alguns dos ouvintes concordam com suas palavras, pois se identificam com o que está sendo dito.

Meu pai não falou o nome de Severo, mas sabia que ele andava de conversa com o povo da fazenda contando história de sindicato, de direitos, de lei. Estava levando essas conversas para os campos de trabalho. Dos mais novos ouviu que seus questionamentos faziam sentido, que seus pais, avós, morreram sem possuir nada. Que o único pedaço de terra a que tinham direito, de onde ninguém os tiraria, era a pequena cova da Viração. (VIEIRA-JÚNIOR, 2019, p.165)

Nessa perspectiva podemos dizer que há um jogo de poderes que subjuga trabalhadores de Água Negra, que são subalternos nesse contexto pós-colonial e as mulheres que são duplamente subalternas dentro desse contexto e do contexto do patriarcado. De acordo com Michel Foucault (*apud* MAIA, 1995, p.89), o poder está presente em qualquer relação social, em suas palavras:

O que caracteriza o poder que estamos analisando é que traz à ação relações entre indivíduos (ou entre grupos). Para não nos deixar enganar; só podemos falar de estruturas ou de mecanismo de poder na medida em que supomos que certas pessoas exercem poder sobre outras. (FOUCAULT *apud* MAIA, 1995, p.89)

Nesse sentido, ainda que em termos políticos, o colonialismo tenha acabado, deixou resquícios que são visíveis socialmente em discursos de cunho excludente e opressor, também presentes na obra em estudo.

Nessa perspectiva, em “Pode o subalterno falar?”, Spivak (2014) faz uma abordagem sobre o sujeito subalterno, aquele que não possui voz política ou não é ouvido, apontando a mulher como um sujeito duplamente oprimido, tanto pela divisão internacional do trabalho e como pela dominação masculina na construção ideológica de gênero.

Assim a autora, discorre sobre a violência epistêmica imperialista ocidental sofrida pelo sujeito subalterno que é construído como o Outro, sendo o sujeito subalterno feminino colocado ainda mais na obscuridade, pois é afetada também com a dominação masculina.

Neste caso, para entender as considerações feitas por Spivak acerca do sujeito subalterno feminino, é preciso entender primeiro

que a construção social do gênero em torno das diferenças entre os sexos é uma forma de deslocar a identidade feminina, e também a representação do sujeito subalterno/oriental/colonizado criada pelo que tem poder/colonizador/ocidental. (BACELAR, 2016, p.5)

É nesta seara que Spivak (2014) insere a questão da mulher, ao assinalar que o sujeito subalterno feminino é oprimido duplamente, pela violência epistêmica do imperialismo, além da dominação masculina conservada pela

construção de gênero. Como o fato de que, em inúmeras situações a mulher pode ser impedida de falar ou, simplesmente, pode não ser ouvida, pois sua identidade foi deslocada, retomando a Bhabha, de maneira ser a sempre considerada inferior à identidade masculina.

Dessa forma, como já afirmamos acima, as relações sociais, todas as relações sociais, são relações de poder e, por conseguinte, estão insufladas de meios de impor a dominação de um sobre o outro. Neste caso, outra dominação que apontamos na obra *Torto Arado* (2019), é a do masculino sobre o feminino, no qual o gênero se apresenta como indicador da desigualdade enfrentada pelas personagens femininas.

Dessa forma, podemos citar dois momentos do livro em que a mulher se encontra nessa situação de dupla opressão dentro do contexto da narrativa: a passagem do casamento de Belonísia com Tobias, na qual ela é oprimida e infeliz diante da força imposta por seu marido.

Me sentia uma coisa comprada, que diabo esse homem tem que me chamar de mulher, minha cabeça agitada gritava. [...] O que mais me inquietava era que aquele não era meu jeito. Arisca, parei de ir para a escola mesmo sabendo qual a vontade de meu pai. (JÚNIOR, 2019, p.101)

E assim é desenvolvida, na obra, a opressão sofrida por Belonísia, quando aos poucos a jovem vai deixando de ser ela mesma, deixa de se reconhecer, diante dessa relação.

Era assim que me sentia. Mas ali, na casa do homem com quem vivia, nos limites daquele casebre de paredes que ruíam, era uma intrusa. Não me sentia à vontade para reagir, nem que fosse de forma serena, sem rompantes de violência nos gestos” (JÚNIOR, 2019, p.101 e 102)

Outra personagem da narrativa que podemos citar como exemplo é a Maria Cabloca, que um dia vai até a casa de Belonísia fugindo, procurando um lugar para se esconder do seu marido. Ao chegar tão assustada, a mulher nem consegue explicar a sua vizinha o que havia acontecido, somente nas seguintes linhas que fica explícito a violência doméstica sofrida.

Só depois de algum tempo, Maria Cabocla me disse que fugia do marido, que estava louco, ensandecido, e que as outras crianças haviam se embrenhado na mata. Senti um arrepio só de pensar que aquele homem adentrasse a casa para buscar Maria Cabocla, além de me dar umas pancadas por ter violado a regra de que não se deve meter em briga de marido e mulher [...] Foi então que vi seu olho roxo, um ferimento acima da pálpebra, e senti amargura” (JÚNIOR, 2019, p.103)

A partir desse episódio, podemos ver uma certa mudança de atitude da Belonísia, como se ocorresse uma espécie de despertar, no qual ela evoca sua ancestralidade, a força de todas as mulheres que a antecederam, e decide não se permitir continuar naquela situação que estava, continuar ali com aquele homem com o qual ela se sentia uma completa estranha.

Dali a pouco esse cavalo iria me bater igual ao marido de Maria Cabocla. Mas eu já me sentia diferente, não tinha medo de homem, era neta de Donana e filha de Salu, que fizeram homens dobrar a língua para se dirigirem a elas.” (JÚNIOR, 2019, p.105)

Contudo, apesar de toda a opressão presente na narrativa, *Torto Arado* nos apresenta personagens femininos fortes, ligadas à natureza, à sua ancestralidade, mas que também vão à luta, que buscam se fazer ouvidas. Como é o caso de Bibiana, a nossa primeira narradora, que após sair da fazenda se torna professora, se envolve em lutas sindicais com o seu esposo Severo, luta pelo seu povo quilombola. E na volta à Água Negra toma frente junto com seu marido na luta contra as injustiças sofridas pela comunidade.

Disse que era professora, casada por muitos anos com um militante. Disse que era quilombola. Escutou que ninguém nunca havia falado sobre quilombo naquela região. — Mas a nossa história de sofrimento e luta diz que nós somos quilombolas-, disse, tranquila, diante do escrivão e do delegado. (JÚNIOR, 2019, p.228)

Assim, ao fim, após a perda de seu marido e de seu pai, Bibiana se vê como líder da comunidade

Durante toda sua vida, Bibiana havia visto o pai organizando as empreitadas de trabalho ou conduzindo a assistência nas cerimônias de Jarê. Nunca imaginou, entretanto, que aquela incumbência de falar ao povo da fazenda recairia sobre seus ombros. (JÚNIOR, 2019, p.193)

Dessa forma, a narrativa se encerra com as irmãs e a entidade Santa Rita Pescadeira à frente da comunidade de Água Negra, progressivamente, as forças femininas que se apresentam na narrativa e aos poucos vão tomando presença dentro da história.

Desse modo, no romance *Torto Arado* (2018), a identidade cultural da comunidade de Água Negra é construída coletivamente conforme as personagens se inserem em processos de (re)significação e representação de sua história e realidade. Em uma de suas falas com os moradores de Água Viva, com o objetivo de expor seus direitos e as possibilidades de melhores condições de vida para a população rural local, Severo discursa: “Não podemos mais viver assim. Temos direito à terra. Somos quilombolas” (JÚNIOR, 2018, p. 135). Sendo essa, a primeira vez que alguém da comunidade se pronuncia e assume uma autoidentificação como quilombola. As comunidades quilombolas eram originalmente formadas por indivíduos escravizados que conseguiram fugir do controle de seus “senhores” ou comprar sua liberdade.

A consciência social ganha forma a partir das narrativas de vida das duas irmãs resulta em formatos diversos de resistência, que também constroem a identidade comunitária. Assim, as manifestações de resistência podem ser percebidas em Severo conversando sobre seu desejo de melhorar de vida, a primeira expressão de um membro da comunidade com vontade de sair de lá e buscar condições de vida melhores, até a influência que exerce nas escolhas de Bibiana, até a escolha de Belonísia por se vincular às tradições do cultivo da terra.

A vivência de Bibiana na cidade é primordial para seu conhecimento da situação dos afrodescendentes no Brasil. Ela diz:

Nós moramos na periferia da cidade, e lá os policiais usavam a mesma desculpa de drogas para entrar nas casas, matando o povo preto. Não precisa nem ser julgado nos tribunais, a polícia tem licença para matar e dizer que foi troca de tiro.

Nós sabíamos que não era troca de tiros. Que era extermínio. (JÚNIOR, 2018, p. 162)

Desse modo, são produzidos e perpetuados estereótipos sobre as populações negras, com a anuência do Estado, sobrando aos sobreviventes lutar para restabelecer a imagem do parente perdido, como acontece com Bibiana, a luta por justiça pelo esposo se revela em uma luta por justiça coletiva.

Nas palavras de Hall:

Aparentemente silenciada além da memória pelo poder da experiência da escravidão, a África estava, de fato, presente em todos os lugares: na vida cotidiana e nos costumes dos alojamentos de escravos, nas línguas e *patois* das plantações, em nomes e palavras, [...] nas histórias e fábulas contadas às crianças, nas práticas e crenças religiosas, na vida espiritual, nas artes, nos ofícios, nas músicas e nos ritmos da sociedade escrava e pós-emancipadora. [...] Essa era - é - a 'África' que 'está viva e bem na diáspora. (HALL, 1996, p.230).

A simbologia dos corpos marcados como resquílios da violência da escravidão também é constante no romance. Os pés perfurados por objetos cortantes pelo caminho (Bibiana na pescaria e Belonísia na coleta de frutas), as mãos rasgadas e calejadas, e as línguas cortadas que são o elemento mais significativo do romance. A faca, como instrumento ocasionador de fatalidades e liberdades (Quando Donana usou a faca para livrar sua filha do marido violento), se torna um símbolo ambíguo na narrativa, como aponta Fernandes (2021).

Ao realizar uma comparação dos sons produzidos, por conta da língua decepada, com o resultado do som de um arado torto na terra, Belonísia salienta dois aspectos importantes da resistência negra, o trabalho na terra e a potência questionadora de sua voz. Na passagem posterior, Belonísia reforça a importância de sua voz como reverberação de outras vozes do passado, de mulheres que vieram antes dela e possuem todo o conhecimento ancestral de seu povo:

Mas eu persistia e repetia as palavras mais duras, as que não gostamos de ouvir [...]. Não me furtava a dizer o que faria muitos correrem, temendo a virulência de uma língua. Eram palavras repetidas por minha voz deformada, estranha,

carregada de rancor por muitas coisas [...], eram gritadas por minhas ancestrais, por Donana, por minha mãe, pelas avós que não conheci, e que chegavam a mim para que as repetisse com o horror de meus sons, e assim ganhassem contornos tristes e inesquecíveis que me manteriam. (JÚNIOR, 2018, p. 92)

Considerações Finais

Portanto, como foi analisado acima, além da opressão sofrida pelo quilombola, apontamos na obra *Torto Arado*, a dominação do masculino sobre o feminino, no qual o gênero se apresenta como indicador da desigualdade enfrentada pelas personagens femininas, que possuem a sua identidade deslocada.

Visto que, as formas de reprodução do machismo e do patriarcado presentes na comunidade são evidenciadas em diversos níveis. A resistência feminina realizada contra essa posição subalterna é esmiuçada ao passo que as personagens desenvolvem a sua consciência social e política, como ocorre com Bibiana. Ao apaixonar-se pelo primo, Severo, ela é diretamente sofre influência pela ideologia e pelo sonho de mudança nutrido por ele. Quando se muda da fazenda Água Negra, gestante, aos 16 anos, ela inicia um caminho de autoconhecimento que resulta no seu posto como líder popular, ao voltar para a fazenda, logo após a morte do marido.

Ao passo disso, podemos dizer que no romance a identidade cultural dos moradores de Água Negra também é mutável e se ressignifica e se define ao longo da narrativa.

Dessa forma, conseguimos entender a posição subalterna na qual se encontra a figura feminina dentro do romance. Nesse estudo, conseguimos visualizar o local obscuro em que se encontra a mulher periférica dentro de um contexto pós-colonial, dentro de um panorama etnocêntrico.

Entretanto, a conclusão do romance pela voz da entidade Santa Rita Pescadeira, é uma mensagem significativa dos elementos de origem africana presentes nessa identidade, bem como da necessidade da sua manutenção. Assim como, a sua narração possibilita a esperança por dias melhores, juntamente às mudanças que acontecem na fazenda, como a construção de casas de alvenaria para os trabalhadores dali.

Referências

ALVES, P. C.; RABELO, M. C. **Jaré: Religião e Terapia no Candomblé de Caboclo**. In: **Anais do Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. Salvador: Faculdade de Comunicação/UFBA, 2009. Disponível em: <http://www.cantigasdojare.com.br/historia-do-jare.html>. Acesso em 05 de jul. de 2021.

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BACELAR, Bruna Valença. **A mulher subalterna em “Pode o subalterno falar?” de Gayatri Spivak**. NEARI EM REVISTA, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural e Diáspora**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1996.

MAIA, Antônio. **Sobre a analítica do poder de Foucault**. In: **Tempo Social**. Ver. Sociol. USP, São Paulo, 7(1-2): 83-103, outubro de 1995. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/download/85208/88047/119716>. Acesso em 05 de jul. de 2021.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: Editora UFMG (2010 [1985]).

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto arado**. São Paulo: Todavia, 2019.